



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE ARRAIAS PROF. DR. SÉRGIO JACINTHO LEONOR
CURSO DE PEGAGODIA

VALDIRENE CURCINO RODRIGUES SOARES

**EDUCAÇÃO POPULAR: SABERES VIVENCIADOS NO USO DE PLANTAS
MEDICINAIS NA COMUNIDADE QUILOMBOLA KALUNGA DO MIMOSO-TO**

Arraias-TO

2019

VALDIRENE CURCINO RODRIGUES SOARES

**EDUCAÇÃO POPULAR: SABERES VIVENCIADOS NO USO DE PLANTAS
MEDICINAIS NA COMUNIDADE QUILOMBOLA KALUNGA DO MIMOSO - TO**

Artigo foi avaliada(o) e apresentada (o) à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Arraias-TO, Curso de Licenciatura em Educação do Campo para obtenção do título de licenciado em pedagogia e aprovada (o) em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Orientador(a): Prof. Dr. Erasmo Baltazar Valadão.

Arraias/TO

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- S676e Soares, Valdirene Curcino Rodrigues.
Educação popular: saberes vivenciados no uso de plantas medicinais na comunidade quilombola kalunga do mimoso -TO . / Valdirene Curcino Rodrigues Soares. – Arraias, TO, 2019.
32 f.
- Artigo de Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Arraias - Curso de Pedagogia, 2019.
Orientador: Erasmo Baltazar Valadão
1. Educação Popular. 2. Comunidade Quilombola. 3. Plantas Medicinais. 4. Cultura Popular. I. Título

CDD 370

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO PROFESSOR DR. SÉRGIO JACINTHO LEONOR
CURSO DE PEDAGOGIA

FOLHA DE APROVAÇÃO

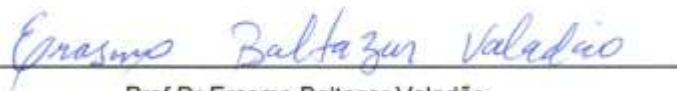
Valdirene Curcino Rodrigues soares

Educação popular: Saberes vivenciados no uso de plantas medicinais na comunidade quilombola Kalunga do mimoso TO

Monografia foi avaliada e apresentada à
UFT – Universidade Federal do Tocantins –
Campus Universitário de Arraias, Curso de
Pedagogia, para obtenção do título de
Pedagoga e aprovada em sua forma final
pelo Orientador e pela Banca Examinadora.


Data de aprovação: 28 / 11 / 2019

Banca Examinadora



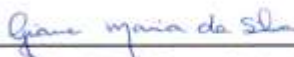
Prof. Dr. Erasmo Baltazar Valadão

Orientador



Prof.^a Ms. Eliana Gonçalves da Silva Fonseca

Avaliadora 1



Prof.^a Dr.^a Giane Maria da Silva

Avaliadora 2

Arraias - TO, 2019.

RESUMO

O artigo traz elementos relevantes acerca da identidade e cultura de um povo, com o objetivo de pesquisar e conhecer como se deu o processo de construção da comunidade (sua trajetória), costumes, valores e crenças, fazendo um levantamento das espécies vegetais utilizadas para fins medicinais na comunidade quilombola Kalunga do Mimoso no município de Arraias - TO. Portanto, é evidente a crença da comunidade nos recursos vegetais como alternativa para o tratamento de várias enfermidades e doenças mais comuns. Contudo, este artigo visa responder a seguinte questão problema: Como se dá essa educação popular dos saberes medicinais que são passados de geração em geração nessa comunidade Kalunga? Como as pessoas desta comunidade utilizam essas plantas? Para a realização desta pesquisa realizou - se uma pesquisa bibliográfica para se ter um embasamento do tema proposto através de livros, pesquisas em internet, artigos, entre outros. No qual teve como subsídio teórico de autores como Brandão (2009), Cavaglier (2014), Freire (2005), Leite (1999), Oliveira (2017), que contribuíram para a fundamentação do mesmo. O método da pesquisa é uma pesquisa de caráter qualitativo, para isso foi feito uma pesquisa de campo na Comunidade Quilombola Kalunga do Mimoso. As informações sobre a comunidade foram obtidas através de entrevistas realizadas com os moradores das mesmas, onde para proceder aos estudos foi feita observações, entrevistas, roda de conversas e fotos. O trabalho realizado atingiu o objetivo de relatar a utilização de plantas medicinais pela comunidade em estudo e pode-se perceber que todas as famílias entrevistadas utilizam plantas medicinais e que as mesmas são importantíssimas já que a comunidade não tem fácil acesso aos medicamentos convencionais.

Palavras-chave: Educação Popular, Comunidade Quilombola, Plantas Medicinais, Cultura Popular.

ABSTRACT

The article brings relevant elements about the identity and culture of a people, with the objective of researching and knowing how the process of community building (its trajectory), customs, values and beliefs took place, making a survey of the plant species used for the purpose. in the quilombola community Kalunga do Mimoso in the municipality of arraias - TO. Therefore, the community's belief in plant resources is evident as an alternative to the treatment of various common diseases and illnesses. However, this article aims to answer the following question: How is this popular education of medicinal knowledge passed down from generation to generation in this Kalunga community. How do people in this community use these plants. For the accomplishment of this research a bibliographical research was realized to have a basis of the proposed theme through books, internet research, articles, among others. In which it had as theoretical support authors such as Brandão (2009), Cavaglier (2014), Freire (2005), Leite (1999), Oliveira (2017), who contributed to its foundation. The research method is a qualitative research, for this was done a field research in the Quilombola Kalunga do Mimoso Community. Information about the community was obtained through interviews with their residents, where observations, interviews, conversations and photos were conducted to carry out the studies. The work achieved reached the objective of reporting the use of medicinal plants by the community under study and it can be seen that all interviewed families use medicinal plants and that they are very important since the community does not have easy access to conventional medicines.

Keywords: Popular Education, Quilombola Community, Medicinal Plants, Popular Culture.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	6
2	BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO POPULAR NAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS	8
3	BREVE HISTÓRICO DA COMUNIDADE KALUNGA DO MIMOSO – TO	11
4	A IMPORTÂNCIA DAS PLANTAS MEDICINAIS	13
5	O USO DE PLANTAS MEDICINAIS NAS COMUNIDADE QUILOMBOLAS	14
6	METODOLOGIA	16
6.1	Análises de dados	17
6.2	Algumas plantas medicinais e seu uso terapêutico utilizados pelas pessoas da comunidade Kalunga do Mimoso citadas na questão 5	22
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
	REFERÊNCIAS	30

1 INTRODUÇÃO

O interesse em pesquisar essa temática se deu pelo fato da pesquisadora pertencer à comunidade quilombola Kalunga do Mimoso, que foi despertada pela curiosidade de conhecer melhor seus antepassados, a origem da comunidade, sua cultura, a educação que era ofertada e as manifestações culturais que ainda estão presentes, nesse espaço, particularmente, os saberes medicinais.

Pensar em educação popular hoje é um grande desafio, pois podemos perceber que esse modelo caminha na direção contrária à ideologia capitalista, tornado assim um grande desafio para as pessoas que acreditam em uma educação inovadora, que seja capaz de formar sujeitos pensantes, conscientes de sua história e ativos em nossa sociedade. Quando falamos de comunidade e de pessoas, logo vem em mente o modo de vida, os seus saberes, costumes e crenças que vão formando a sua cultura e identidade.

Observa-se, de acordo com Monteles e Pinheiro (2007), que as comunidades tradicionais apresentam modos de vida e cultura diferenciados, devido à forte influência do meio natural, a qual seus hábitos estão diretamente submetidos aos ciclos naturais, e a forma como aprendem a realidade e a natureza é baseada não só em experiências e racionalidades, mas em valores, símbolos, crenças e mitos.

Dentro deste contexto, a pesquisa traz elementos relevantes acerca da identidade e cultura de um povo que, por muitos anos, sofreu por um processo de não reconhecimento e de desvalorização da sua cultura, mostrando assim saberes dessa comunidade que um dia foi ignorada e desprezada por aqueles que pensavam serem detentores do saber. Como as pessoas desta comunidade sempre utilizam as plantas com o propósito de curar doenças, a proposta desta pesquisa também é o fortalecimento desses conhecimentos no que diz respeito às plantas medicinais nessa comunidade, visando o reconhecimento e à valorização desses saberes tradicionais, incentivando outras pessoas fora da comunidade a buscar esses saberes com as pessoas mais velhas dessa localidade.

Diante disso, o objetivo desta pesquisa foi conhecer como se deu o processo de construção da comunidade (sua trajetória), costumes, valores e crenças, fazendo um levantamento das espécies vegetais utilizadas para fins medicinais nessa comunidade quilombola.

E este trabalho, portanto, visa responder a seguinte questão problema: Como se dá essa educação popular dos saberes medicinais que são passados de geração em geração nessa

comunidade Kalunga? Como as pessoas desta comunidade utilizam essas plantas? Dessa maneira, vale destacar a importância de pesquisar e registrar essa temática, para que esses saberes não sejam esquecidos e que eles possam, alcançar outras pessoas, permitindo que a geração mais nova conheça a história de luta e resistência da comunidade.

2 BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO POPULAR NAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS

De acordo com Leite (1999), as sociedades quilombolas se iniciaram no período de escravidão no Brasil, sendo constituídas, em sua maioria, por escravos fugidos, descendentes destes, soldados desertores e índios acuados pelos europeus e perseguidos pela justiça.

Para Pinheiro e Monteles (2007), o conhecimento acumulado por estas comunidades por meio de séculos de estreito contato com o meio, possibilita concretamente a obtenção de informações do uso dos recursos naturais. Enfatiza-se, aqui, a importância desses saberes e da relação dessas comunidades com o meio ambiente, em especial no que tange ao uso das plantas medicinais. Como salienta Gomes e Bandeira (2012), os costumes dos antepassados quilombolas somados à forte influência da herança cultural africana têm uma ampla contribuição na medicina popular brasileira.

Pensar em Educação Popular hoje é um grande desafio, podemos perceber que esse modelo caminha na direção contrária a essa ideologia capitalista, tornando assim um grande desafio para as pessoas que acreditam em uma educação inovadora, que seja capaz de formar sujeitos pensantes, conscientes de sua história e ativos em nossa sociedade. Além do mais, este modelo de educação visa transformar o sujeito em um indivíduo ativo na construção de sua história e transformador do mundo.

A Educação popular acompanha, apoia e inspira ações de transformação social. Nela, o processo educativo se dá na ação de mudar padrões de conduta, modos de vida, atitudes e reações sociais. Portanto, se a realidade social é ponto de partida do processo educativo, esta volta a ela para transformá-la. (WERTHEIN, 1985, p. 22)

De acordo com Freire (2005), a Educação Popular se dispõe por meio da produção de saberes a fim de formar identidades coletivas, fortalecendo, portanto, a participação dos movimentos sociais na luta contra a classe opressora.

A Educação Popular tem como ponto de partida a realidade do oprimido se tornando uma ferramenta importante nos processos de libertação individual e coletiva. Uma educação que traga consigo incentivos à participação, ou seja, um meio de promoção para a busca da cidadania, compreendida em suas dimensões crítica e ativa.

Nesse viés, sabemos que a educação é um processo que sempre fez parte da humanidade e está presente em todas as sociedades, assim pode-se dizer que a Educação Quilombola é própria de um povo. Ferreira; Castilho (2014), Cada comunidade tem uma dinâmica própria,

apesar de existir determinadas semelhanças no processo educativo com outras comunidades tradicionais.

Jacobucci (2008), salienta o espaço não formal como qualquer espaço diferente da instituição escola onde se pode ocorrer uma ação educativa. Quando falamos de comunidade e de pessoas, logo vem em mente o modo de vida, os seus saberes, costumes e crenças que vão formando a sua cultura e identidade. Nesse sentido, Brandão afirma que:

A palavra “ cultura” é pluralidade de ideias que sugere assim como as teorias que a fundam nunca foram consensuais na Antropologia. Sendo um entre outros campos do saber que se apresentam em termos amplos e vagos como uma “ ciência do homem” (anthropos), a Antropologia pretende responder ao dilema do ser humano como o foco em uma de suas dimensões: a propriamente cultura. Mas nem sobre isso há consenso. BRANDÃO, 2009, p.2)

Tentar conceituar a palavra cultura não é nada fácil, pois cada indivíduo apresenta uma definição diferente de cultura, Arias (2002, p. 103), descreve o conceito de cultura como: Uma construção especificamente humana que se expressa através de todos aqueles universos simbólicos e socialmente compartilhados de significado, que permitiu à sociedade "tornar-se" tudo o que foi construído como cidade e sobre o qual é construído um referente discursivo de pertença e diferença: identidade”. E pela luta por essa identidade podemos citar as comunidades quilombolas.

O termo quilombo, que conhecemos no Brasil, tem sua origem na palavra *Quilombo* que significa acampamento ou fortaleza. O termo quilombo, originalmente era utilizado apenas para chamar um local utilizado por populações nômades, ou então pequenos acampamentos de comerciantes, e com o início da escravidão, os escravos adotaram o termo para o lugar que eles fugiam, e foi no Brasil que o termo ganhou o sentido que tem atualmente. Para Munanga (1995/1996, p. 60), a palavra quilombo tem a conotação de uma associação de homens, aberta a todos sem distinção de filiação a qualquer linhagem, na qual os membros eram submetidos a dramáticos rituais de iniciação que os retiravam do âmbito protetor de suas linhagens e os integravam como co-guerreiros num regimento de super-homens invulneráveis às armas de inimigos.

Falar de quilombos implica falar sobre escravidão. Reis e Gomes (1996), ressaltam, que “se estivermos conscientes dos níveis insuportáveis de barbarismo associado à escravidão no Novo Mundo, torna-se fácil entender a importância dos quilombos”. Ou, conforme nos afirma Santos (2010), o colonial é o estado de natureza onde as instituições da sociedade civil não têm lugar.

De acordo com Araújo e Foschiera (2012), os negros eram considerados sem cultura, submetidos a serem vendidos como mercadorias. E toda essa situação ia criando neles uma revolta contra o sistema que os envolvia. E, diante disso, muitos se organizavam por meio de manifestações expressando o seu desejo de liberdade e melhoria de condições de vida.

Conforme os autores acima referidos, a palavra quilombo originou-se nesse contexto em que os escravos fugiam e se reuniam em grupos que eram denominados quilombos. E nestes espaços os negros puderam implantar a sua cultura, costumes, crenças e hábitos.

Conforme enfatiza Reis (1995/1996):

[...] Esta população não era constituída apenas de escravos fugidos e seus descendentes. Para ali também convergiram outros tipos de trãnsfugas, como soldados desertores, os perseguidos pela justiça secular e eclesiástica, ou simplesmente aventureiro, vendedores, além de índios pressionados pelo avanço europeu. Mas predominavam os africanos e seus descendentes. Ali, africanos de diferentes grupos étnicos administravam suas diferenças e forjavam novos laços de solidariedade, recriaram culturas (REIS, 1995/1996, p. 16).

Para Fonseca (2000), a sociedade brasileira desde a década de 1980 vem passando por diversas transformações, entre elas está a ascensão de novos atores sociais na cena política nacional, entre os quais se destacam negros/as. Nesse sentido, um dos campos de estudo que tem sido revisitado diz respeito às comunidades negras rurais identificadas como sendo constituídas por remanescentes quilombolas.

Com essa compreensão, concorda-se com Gomes e Martins (2004), quando argumentam que o Brasil está vivendo um momento de revisão, em uma perspectiva otimista, pois há agora uma dimensão de oportunidade histórica de brecha emancipatória para combater o racismo estrutural da sociedade e de valorizar a cultura africana preservada no país, afirmando, a partir dela, uma diferença civilizatória ou simbólica com um vigor que até agora os negros não tiveram a oportunidade de manifestar.

Segundo Lima (2000), nas duas últimas décadas ampliou-se as discussões acerca da história e da cultura afro-brasileiras, assim como das formas que as identidades e suas dinâmicas têm se fortalecido como foco de crescente problematização. A mesma autora destaca que ampliaram-se as discussões sobre a formação indenitária da população, sobretudo nos aspectos étnicos, de gênero, e relativos à regionalidade, não obstante a atual conjuntura política no Brasil apontar para outra direção.

3 BREVE HISTÓRICO DA COMUNIDADE KALUNGA DO MIMOSO - TO

Marinho (2017), discute que o território é parte importante do processo de produção de identidade, sendo que o mesmo é composto por duas dimensões: a acepção de formação social e a produção coletiva do espaço. E a partir dessas dimensões, o espaço territorial da comunidade se torna produto de práticas sociais e políticas.

A referida autora ainda destaca que a casa, a roça e o gado têm papel importante nas atividades econômicas e na organização do território, pois vai delimitar a territorialidade de cada família. E a territorialidade dos Kalunga envolve também a cidade, sendo que muitas famílias tem uma vida dupla, ou seja, possuem duas residências, uma no vão e outra na rua. Essa dinâmica de movimentação que orienta para a reposição dos patrimônios territoriais, o que favorece diversas estratégias recorrentes de atualização da condição Kalunga.

A respeito da definição da comunidade Kalunga do Mimoso, Oliveira (2010), afirma que:

(...) pode ser definida como remanescente do quilombo dos Kalunga de Goiás. Em primeiro lugar, por sua importância histórica na formação das comunidades quilombolas dos Kalunga no antigo norte goiano, atualmente na área do Estado de Tocantins. Em segundo lugar, pela qualidade das informações contidas nas fontes históricas escritas e orais. Em terceiro lugar, pelo idioma do parentesco presente no sistema de classificação genealógico das suas famílias e, finalmente, pelos costumes e tradições culturais, conforme pode ser visto nas narrativas dos mais velhos. OLIVEIRA, 2010, p.223).

O mesmo autor acima referido destaca que o processo educacional na comunidade apresenta uma série de elementos que dificultam a escola realizar a sua função social. Um dos elementos diz respeito à infraestrutura da escola, que são casebres que foram construídos há muito tempo, não possuem banheiros, as carteiras não são suficientes e essas escolas são distantes das casas dos alunos, por isso muitos têm que andar em média 10 km para chegar à escola, pois não têm transporte escolar. E outro elemento são os materiais didáticos que estão fora do contexto quilombola, ou seja, não estão de acordo com a realidade dos alunos. E a maioria dos professores é de fora e desconhece o contexto em que seus alunos estão inseridos, o que faz com que o ensino não esteja contextualizado.

Com relação à questão de saúde, Araújo e Foschiera (2012), abordam que a comunidade Kalunga do Mimoso (TO) não dispõe de posto de saúde, sendo que os moradores são atendidos na Cidade de Arraias. E mediante isso, muitas pessoas com enfermidades fazem o uso de garrafadas e ervas medicinais, e ainda recorrem a curandeiros e parteiras do lugar.

No decorrer do trabalho, será abordada uma vivência sobre ervas medicinais e práticas de cura tradicionais da Comunidade Quilombola, a partir da perspectiva da educação popular

na busca da valorização dos saberes populares tradicionais da comunidade e na tentativa de construção de um conhecimento por meio da experiência dos mais velhos ao mais novos.

4 A IMPORTÂNCIA DAS PLANTAS MEDICINAIS

Para Silva et al., (2005), as plantas medicinais são vegetais com ações farmacêuticas que possuem o efeito de curar ou amenizar algumas enfermidades. Elas, assim como seus usos e indicações, fazem parte do saber das populações amazônicas (indígena e não-indígena). Esse conhecimento faz parte da cultura brasileira, como resultado das experiências de gerações passadas, que foram transmitidas por meio de aprendizagem consciente e inconsciente. O repasse desses conhecimentos é importante para a preservação e conservação dos saberes tradicionais e da biodiversidade.

As plantas medicinais, de acordo com Tomazzoni; Negrelle; Centa, (2006), representam fator de grande importância para a manutenção das condições de saúde das pessoas. Além da comprovação da ação terapêutica de várias plantas utilizadas popularmente, a fitoterapia representa parte importante da cultura de um povo sendo também parte de um saber utilizado e difundido pelas populações ao longo de várias gerações.

Para Martins et al., (2000), a utilização das plantas como medicamento é provável que seja tão antiga quanto o próprio homem. Quanto às práticas da medicina tradicional, observou-se que são baseadas em crenças existentes há centenas de anos, antes mesmo do desenvolvimento da medicina científica moderna e prevalecem até hoje, fazendo parte da tradição de cada país, onde as pessoas passam seus conhecimentos de uma geração a outra e sua aceitação é fortemente condicionada pelos fatores culturais.

Segundo Matos (2002), a população Brasileira de um modo geral guarda um saber significativo a respeito de métodos alternativos de cura das doenças mais frequentes, as comunidades tradicionais possuem uma bagagem maior sobre o assunto.

No Brasil, a utilização de plantas no tratamento de doenças apresenta influência africana, indígena e, naturalmente, europeia. Estas influências deixaram nas diferentes áreas da cultura brasileira marcas profundas, tanto no aspecto espiritual como no material.

Para Barros et al., (2010), elas constituem a base da medicina popular que, há algum tempo, vem sendo retomada pela medicina natural, procurando resgatar suas práticas, dando-lhes caráter científico e integrando-as num conjunto de princípios que visam não apenas curar algumas doenças, mas restituir ao ser humano à vida natural, melhorando assim muito mais a vida dessas pessoas.

5 O USO DE PLANTAS MEDICINAIS NAS COMUNIDADE QUILOMBOLAS

De acordo com Costa e Oliveira (2017), a prática da utilização das plantas medicinais com fins terapêuticos são heranças culturais e históricas construídas no fazer social dos indivíduos nos primórdios e continuam na contemporaneidade presentes nas comunidades tradicionais. Nesse sentido, o conhecimento acerca de plantas que curam foi sendo passado de geração em geração por meio da oralidade. Os quilombos, neste cenário, aparecem como espaços ancestrais dessa tradição empregada como uma alternativa para os cuidados primários em saúde e no tratamento de enfermidades.

Ainda de acordo com as autoras, esse conhecimento das ervas popularmente utilizadas nos quilombos brasileiros têm se tornado objeto de estudo de trabalhos acadêmicos e da sociedade civil que tem buscado nas plantas medicinais e nas suas potencialidades de cura, por meio de fitoterápicos, uma alternativa à prática medicamentosa laboratorial, associando esse interesse à visibilidade das práticas de cura presentes nas comunidades tradicionais, como quilombolas e indígenas.

Conforme Ferreira et al. (2015, p.152):

O uso popular de plantas medicinais é uma prática antiga, que tem sido propagada oralmente por sucessivas gerações. Esse conhecimento é transmitido em todos os níveis da vida diária e não apenas no formal. A sua comunicação por meio da oralidade é uma das diferenças que o separa do científico, que é transmitido por meio da escrita. Nesse sentido, o conhecimento tradicional somente pode ser interpretado dentro do contexto cultural em que foi gerado. E em muitas comunidades tradicionais, o cultivo de plantas medicinais constitui-se como uma alternativa para os cuidados primários de saúde. (FERREIRA ET AL. 2015, p.152)

Conforme Cavaglier (2014, p. 56), o conhecimento das ervas é um saber popular transmitido de geração em geração; a qual mesmo com o avanço da medicina em diversas partes do mundo, no Brasil, as plantas medicinais costumam ser uma das alternativas para parte da população, principalmente, a de baixa renda, devido a diversos fatores, dentre os quais, o custo alto dos medicamentos industrializados e o acesso restrito a um sistema de saúde de qualidade. Em contrapartida, o uso deste tipo de terapia tem crescido também entre as pessoas de maior poder aquisitivo, na busca por opções terapêuticas mais saudáveis.

Da memória coletiva; das línguas reminiscentes; dos marcos civilizatório; das práticas culturais; das tecnologias e formas de produção do trabalho; dos acervos e repertórios orais, dos festejos, usos, tradições e demais elementos que conformam o patrimônio cultural das comunidades quilombolas de todo o país; e da territorialidade. (BRASIL, 2012, p.01).

Se pararmos para analisar, de acordo Brasil (2012), essa revalorização dos conhecimentos tradicionais perpassa pelo âmbito da educação, dialogando principalmente com a Lei 10.639/03 e com as Diretrizes Nacionais para a Educação Básica Quilombola, cujos objetivos permeiam a autoafirmação positiva do povo negro, por meio da valorização das experiências desses povos. Essas práticas de cura remanescentes destas vivências negras são uma importante ferramenta didática para o aprendizado da cultura afro-brasileira, no qual os quilombos aparecem como espaços de resistência cultural e simbólica e onde o uso de ervas medicinais nos primeiros cuidados com saúde permanece vivo no saber popular dos anciões, estando presentes nos chás, nos lambedouros local onde se cultivavam algumas plantas e nas garrafadas.

6 METODOLOGIA

A pesquisa é parte da ciência na qual o pesquisador tenta aproximar-se da realidade através dos métodos de pesquisa. A pesquisa é vista como um:

(...) procedimento racional e sistemático que tem como objetivo Proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa desenvolve-se por um processo constituído de várias fases, desde a formulação do problema até a apresentação e discussão dos resultados (GIL, 2007, p.17).

Para a realização desta pesquisa realizou - se uma pesquisa bibliográfica para se ter um embasamento do tema proposto através de livros, pesquisas em internet, artigos, entre outros.

Severino (2000), afirma que a pesquisa bibliográfica dá suporte a todas as fases de qualquer tipo de pesquisa, uma vez que auxilia na definição do problema, na determinação dos objetos, na construção de hipótese, na fundamentação da justificativa, da escolha do tema e na elaboração do relatório final.

O método da pesquisa é uma pesquisa de caráter qualitativo, para Gerhardt e Silveira (2009), afirmam que a pesquisa qualitativa consiste na compreensão de aspectos da realidade e da explicação da dinâmica das relações sociais.

Para isso foi feito uma pesquisa de campo na Comunidade Quilombola Kalunga do Mimoso. A pesquisa de campo, por sua vez, consiste na observação dos fatos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados e no registro de variáveis relevantes para as posteriores análises (RUIZ, 1996; SEVERINO, 2000).

As informações sobre a comunidade serão obtidas através das entrevistas realizadas com os moradores das mesmas, de faixa etária entre 40 e 90 anos, realizada no mês de outubro do decorrente ano.

Para proceder aos estudos será feita observações, entrevistas, roda de conversas e fotos. Ribeiro (2008), trata a entrevista como:

A técnica mais pertinente quando o pesquisador quer obter informações a respeito do seu objeto, que permitam conhecer sobre atitudes, sentimentos e valores subjacentes ao comportamento, o que significa que se pode ir além das descrições das ações, incorporando novas fontes para a interpretação dos resultados pelos próprios entrevistadores.

Dos instrumentos de coleta na pesquisa de campo, a utilização de entrevistas será fundamental para a obtenção das informações desejadas. O roteiro de entrevista foi composto por questões mais abrangentes.

As visitas foram realizadas no mês de outubro de 2019 e as entrevistas foram feitas em uma roda de conversa no terreiro de uma das casas da comunidade, onde participaram seis pessoas, foram momentos de aprendizado, pois todos participavam com satisfação. As entrevistas foram realizadas dentro de uma conversa de caráter informal. A duração média foi de 50 a 60 minutos, pois em meio à conversa os moradores contavam sobre suas histórias na comunidade e um pouco do seu dia a dia.

Os dados obtidos foram gravados em áudio. Para preservação da identidade dos entrevistados, foram utilizados números de 1 a 6 para a divulgação dos resultados e discussão no decorrer deste trabalho. Dos entrevistados, quatro são mulheres e dois homens, com idade entre 50 e 80 anos. Estes compõem a amostra da entrevista recolhida junto da comunidade. Cabe ressaltar que a quantidade de entrevistados é baixa devido à escassez de informantes, pois na época das visitas muitos estavam na cidade resolvendo coisas pessoais.

6.1 Análises de dados

A seguir são apresentados os questionamentos feitos e as respostas dos entrevistados. Por meio de uma pesquisa de campo, foram feitas algumas visitas aos moradores da comunidade Kalunga do Mimoso no município de Arrais TO, para averiguar como se dá essa educação popular por meio do uso das plantas medicinais e para nos ajudar a identificar e entender a eficácia e a importância da utilização destas plantas em benefício à saúde dos moradores da comunidade.

Foram realizadas três visitas a comunidade para coleta dessas informações, sendo uma para fazer observações da comunidade e duas para as entrevistas semiestruturadas junto aos selecionados.

Segundo Araújo (2014), o pesquisador precisa ir a campo buscar suas informações e conhecimentos e mostra que neste tipo de pesquisa:

À observação direta possibilita ao pesquisador descrever, interpretar, isto é, estudar diferentes culturas ou povos dentro dos elementos fundamentais para realização está a interação com as pessoas, o acompanhamento dos afazeres diários, o conhecimento do ambiente observado. (ARAÚJO, 2014, p.38).

Quadro 1 - Como originou a comunidade quilombola Kalunga do Mimoso?

Entrevistados	Respostas obtidas na questão 1
P 1	A comunidade já existia desde 1960 como um simples povoado. Em uma visita nessa comunidade a senhora Rose, desenvolvendo uma visita relacionadas ao governo, e conhecendo a luta desse povo, resolveu ajudar. Foram feitas várias reuniões com as pessoas que ali já moravam, colheu assinaturas, na tentativa de ajudar as pessoas dali a serem reconhecidos como quilombolas, esse processo durou por mais de um ano, e em 2005 aconteceu esse reconhecimento.

Fonte: Elaborado pela autora (Soares 2019).

Apenas uma pessoa explicou que levaram um período para que fossem reconhecidos como quilombolas Kalunga. Hoje essa comunidade conta com 50 famílias, com um total de 135 pessoas morando nesse local.

De acordo com as observações feitas, pode-se perceber que a vegetação desse local é seca, mas existem muitas plantações, como banana, caju, manga, mamão, milho, abóbora, mandioca, arroz, feijão, cana entre outros. E pode ser encontrada várias espécies de plantas medicinais também. É um ambiente acolhedor, onde se percebe que todos tem boa convivência uns com os outros.

Quadro 2 - Qual a importância das plantas medicinais?

Entrevistados	Respostas obtidas da questão 2
P 1	Eu acho importante pois ajuda em muitas coisas.
P 2	Já vi curar muitas doenças.
P 3	Melhor que os remédios de farmácias são.
P 4	É muito importante, são elas que tem ajudado nós aqui e muito, pois o hospital é longe.

P 5	Também concordo se as pessoas fizessem mais uso das plantas teria poucas doenças.
P 6	Aqui em casa só se usa essas plantas.

Fonte: Elaborado pela autora (Soares 2019).

Pode-se observar na fala das pessoas dessa comunidade quilombola que elas preservam um valioso conhecimento sobre plantas medicinais e que sabem da sua grande importância para o meio em que vivem.

Ribeiro et al. (2004), constataram que as plantas medicinais apresentam muitas substâncias químicas com propriedades terapêuticas que atuam no organismo humano, causando-lhes algum efeito.

É interessante quando eles relatam o efeito que cada planta tem não só para as pessoas mas para os animais também.

Quadro 3 - Quem ensinou vocês a utilizarem as plantas medicinais?

Entrevistados	Respostas obtidas na questão 3
P 1	Minha mãe me ensinava desde pequena.
P 2	As pessoas mais velhas.
P 3	Lembro que quem mais me mostrava as coisas era minha vó.
P 4	Eu sempre observava as pessoas fazendo as coisas e fui aprendendo.
P 5	As pessoas mais idosas.
P 6	Com meus antepassados.

Fonte: Elaborado pela autora (Soares 2019).

Tais respostas confirmam a visão de Martins (2012), quando mostra que, na comunidade, a cultura e os valores éticos são passados de uma geração a outra. As respostas mostram que os conhecimentos com relação às plantas medicinais são tradicionais e são

hereditários; e pode-se perceber que eles vêm passando de geração em geração, ou seja, de pai para filho, de mãe para filho e assim sucessivamente.

Conforme Cavaglier (2014), o conhecimento das ervas é um saber popular transmitido de geração em geração:

A qual mesmo com o avanço da medicina em diversas partes do mundo, no Brasil, as plantas medicinais costumam ser uma das alternativas para parte da população, principalmente a de baixa renda, devido a diversos fatores, dentre os quais, o custo alto dos medicamentos industrializados e o acesso restrito a um sistema de saúde de qualidade. Em contrapartida, o uso deste tipo de terapia tem crescido também entre as pessoas de maior poder aquisitivo, na busca por opções terapêuticas mais saudáveis (CAVAGLIER, 2014, p. 56).

Quadro 4 - Quais são as plantas utilizadas pela comunidade? E tem alguma que não existe mais?

Entrevistados	Respostas obtidas na questão 4
P 1	Moleque duro; chapadinha.
P 2	Poejo; Sicupira branca.
P 3	Quina; Chapéu de Couro.
P 4	Pereira tatu; Tiú.
P 5	Vassourinha; Kalunga;
P 6	Mulatinha; Sete dores; Tranchagem.

Fonte: Elaborado pela autora (Soares 2019).

De acordo com os entrevistados, o uso dessas plantas se dá por meio de chás ou aplicações diretas no local. Eles relatam que são utilizadas para a diversas coisa, como vermes, hemorragias, dor de barriga, dor na coluna, machucados, entre outros, o que vem ao encontro com a fala do autor Amoroso (1996), de que a população brasileira, de um modo geral, possui um saber significativo a respeito da utilização de plantas como método alternativo para a cura de enfermidades e que as comunidades tradicionais quilombolas carregam uma bagagem enorme sobre o assunto.

E o mais importante a ser percebido é que esses ensinamentos são passados de geração em geração.

Quadro 5 - Como vocês ensinam as crianças a utilizarem essas plantas medicinais?

Entrevistados	Respostas
P 1	Desde pequenas.
P 2	Alguns se interessa outros não.
P 3	Ensinar a gente ensina, mas não segue.
P 4	Quando criancinhas a gente já vai ensinando as coisas aqui da roça.
P 5	Os que querem aprender a gente ensina de bom grado.
P 6	Elas crescem e esquecem só lembra quando precisa.

Fonte: Elaborado pela autora (Soares 2019).

Aqui podemos perceber que a cultura que essas pessoas têm, elas procuram passar de geração em geração, já ensinando desde cedo os menores, por isso é importante quando os autores Coelho & Mesquita (2013), nos mostram que:

A cultura é, portanto, acumulativa, pois acumula conhecimentos e experiências ao longo das gerações, e é também produção, construção de conhecimentos. Estes conhecimentos e experiências são transmitidos ao homem por seus semelhantes, a partir dessa transmissão são (re) vividos e (re) atualizados, gerando novos conhecimentos e novas experiências. Por isso, a cultura não é resultado da ação isolada de um único indivíduo, mas de uma coletividade e se configura como sinônimo de criação, de aprendizagem e de cooperação. Ela é modificada e enriquecida continuamente, num processo coletivo. (COELHO & MESQUITA, 2013. p. 28)

É importante ressaltar que essa cultura, essas experiências foram construídas durante anos e anos e faz parte da essência da vida dessas pessoas que vivem nessas localidades. Também se percebe a dificuldade de transmissão destes saberes aos mais novos. P2. “Alguns se interessa outros não”. P3. “Ensinar a gente ensina, mas não segue”. P5. “Os que querem aprender a gente ensina de bom grado”. P6. “Elas crescem e esquecem só lembra quando precisa”. Portanto, o processo de massificação e idealização do mundo urbano tem dificultado a significação, por parte dos mais jovens dos saberes construídos por seus antepassados.

6.2 Algumas plantas medicinais e seu uso terapêutico utilizados pelas pessoas da comunidade Kalunga do Mimoso citadas na questão 5

Foram citados pelos moradores dessa localidade, mas de 30 espécies de plantas. A seguir serão apresentadas algumas delas e suas indicações relatado por eles.

Figura 1 – Imagens da planta Moleque duro



Fonte: Elaborado pela autora (Soares 2019).

Nome Popular: Moleque duro.

Nome Científico: *Cordia leucocephala* Moric.

Indicação: Dar banho na criança para andar rápido, diabetes e raquitismo.

Figura 2 – Imagens da planta Pereira tatu



Fonte: Elaborado pela autora (Soares 2019).

Nome Popular: Pereira tatu.

Nome Científico: Geissospermum laevis.

Indicação: Bom para vermes, fígado, diarreia e colesterol, ótimo Viagra natural.

Figura 3 – Imagens da planta Sete dores



Fonte: Elaborado pela autora (Soares 2019).

Nome Popular: Sete dores.

Nome Científico: Plectranthus barbatus.

Indicação: Eliminação de gases, diarreia, fadiga do fígado.

Figura 4 – Imagens da planta Mastruz



Fonte: Elaborado pela autora (Soares 2019).

Nome Popular: Mastruz.

Nome Científico: *Dysphania ambrosioides*.

Indicação: Ajudar no tratamento de bronquites, tuberculose e machucados.

Figura 5 – Imagens da planta Poejo



Fonte: Elaborado pela autora (Soares 2019).

Nome Popular: Poejo

Nome Científico: *Mentha pulegium*

Indicação: Combater a gripe e o resfriado, tosse, febre, menstruação atrasada.

Figura 6 – Imagens da planta Quina



Fonte: Elaborado pela autora (Soares 2019).

Nome Popular: Quina.

Nome Científico: *Bathysa*.

Indicação: Usado tanto para humanos como para os animais. Usado em mulher após o parto, para limpar o útero.

Figura 7 – Imagens da planta Chapéu de couro



Fonte: Elaborado pela autora (Soares 2019).

Nome Popular: Chapéu de couro.

Nome Científico: *Echinodorus grandiflorus*.

Indicação: Serve para o tratamento de inflamações de garganta e cura de feridas.

Figura 8 – Imagens da planta Tanchagem



Fonte: Elaborado pela autora (Soares 2019).

Nome Popular: Tanchagem.

Nome Científico: *Plantago major*.

Indicação: Faz-se o chá, é bom para gripe, dor de garganta (inflamação), infecção de útero.

Figura 9 – Imagens da planta Vassourinha



Fonte: Elaborado pela autora (Soares 2019).

Nome Popular: Vassourinha.

Nome Científico: *Scoparia dulcis*.

Indicação: Para fazer benzimento de quebrante.

Figura 10 – Imagens da planta Chapadinha



Fonte: Elaborado pela autora (Soares 2019).

Nome Popular: Chapadinha.

Nome Científico: *Acosmium subelegans*.

Indicação: Usado em animais como cavalos, porcos e bois. Torrada no sal, coloca-se na comida desses animais.

Figura 11 – Imagens da planta Tiú



Fonte: Elaborado pela autora (Soares 2019).

Nome Popular: Tiú.

Nome Científico: *Dorstenia brasiliensis*.

Indicação: Usado em animais como: cavalos, porcos e bois. Retira-se a raiz e coloca-se para secar, faz-se uma farinha e coloca-se na comida desses animais.

Figura 12 – Imagens da planta Sicupira branca



Fonte: Elaborado pela autora (Soares 2019).

Nome Popular: Sicupira branca.

Nome Científico: *Pterodon emarginatus*.

Indicação: Usado tanto em animais como em pessoas. Para os animais, torra-se, faz-se a farinha, mistur-se no sal e coloc-se na comida desses animais. Em pessoas, serve para tratar a artrite, artrose, reumatismo, fadiga, dor nas costas, baixar o ácido úrico no sangue, úlceras no estômago, gastrite, amigdalite, cólica e inflamações no organismo.

Como vimos ao preservar o conhecimento sobre plantas medicinais estaremos preservando um patrimônio cultural das pessoas e das populações que as utilizam durante século e séculos.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com a pesquisa realizada, e de acordo com os objetivos desta pesquisa que foi conhecer como se deu o processo de construção da comunidade (sua trajetória), costumes, valores e crenças, fazendo um levantamento das espécies vegetais utilizadas para fins medicinais nessa comunidade quilombola, pode-se perceber que o uso de várias plantas, incluindo suas aplicações, evidencia a crença de um povo para o tratamento de várias enfermidades e doenças mais comuns. As pessoas dessa localidade demonstraram possuir um conhecimento amplo sobre plantas com fins terapêuticos.

Por tanto, as pessoas da comunidade do Mimoso guardam consigo a preciosidade da crença e cultura em relação às plantas medicinais. É importante ressaltar que essa vivência retrata os princípios da educação popular, pois constitui a fonte de uma sabedoria única e que deve ser considerada nos currículos formais e nas atividades cotidianas dos indivíduos.

O trabalho realizado atingiu o objetivo de relatar a utilização de plantas medicinais pela comunidade em estudo e pode-se perceber que todas as famílias entrevistadas utilizam plantas medicinais e que as mesmas são importantíssimas já que a comunidade não tem fácil acesso aos medicamentos convencionais.

A diversidade de plantas medicinais conhecidas e utilizadas para a cura e prevenção de doenças, pelos moradores da comunidade é muito boa, e as mesmas são utilizadas também para a cura dos animais.

Diante disso, os resultados dessa pesquisa mostram que é de extrema importância que os conhecimentos tradicionais e práticas de cura dessas comunidades, não só dessa mas também de outras comunidades quilombolas existentes, sejam mais valorizadas e divulgadas para que outras pessoas possam conhecer e se beneficiarem também.

REFERÊNCIAS

- AMOROZO, M.C.M. **A abordagem etnobotânico na pesquisa de plantas medicinais**. In: DISTASI, L.C. *Plantas medicinais: arte e ciência*. São Paulo: UNESP, p.47-68.1996.
- ARIAS, P. G. (2002). *La cultura. Estratégias Conceptual para compreender a identidade, la diversidade, lá alteridade y lá diferencia*. Escola de Antropologia Aplicada UPS-Quito. Ediciones Abya-yala.
- ARAÚJO, Sandra Regina Evangelista; FOSCHIERA, Atamis Antônio. **As contribuições entre a realidade socioeconômica da comunidade Quilombola Mimoso do Kalunga e a garantia dos direitos legais de educação e território**. *Revista Pegada*. Vol. 13, N.2, Dezembro, 2012.
- BARROS, A. T.; ANDRADE, T. D. M.; SILVA, M. J. R.; DINIZ, D. K. T.; SOUSA, K. N.; TRAJANO, L. L. **Estudo do Conhecimento das Plantas de Uso Medicinal pelos Alunos do Sistema EJA de Educação em Dois Municípios do Interior da Paraíba**. Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Patos – PB – Campus VII, 2010.
- BRANDÃO, Carlos- Brandão. **Vocação de criar: anotações sobre a cultura é as culturas populares**.2009.
- BRASIL. Ministério da Educação - CNE/CEB. Resolução n. ° 08 de 20 de novembro de 2012. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola**. Brasília,2012.
- COELHO, Lidiane Pereira; MESQUITA, Diana Pereira Coelho de. **Língua, cultura e identidade**. *ENTRELETRAS*, Araguaína/TO, v. 4, n. 1, p. 24-34, jan./jul. 2013 (ISSN 2179-3948 – online) Disponível em<http://www.uft.edu.br/pgletras/revista/capitulos/02_1%C3%ADngua,_cultura_e_identidad e...pdf> Acesso em 31 de outubro de 2019.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- FERREIRA, A. E.; CASTILHO, S. D. DE. **Reflexões sobre a educação escolar quilombola**. *Revista de Pesquisa em Políticas Públicas*, 2014.
- FONSECA, Maria Nazaré Soares (org.). **Brasil Afro-Brasileiro**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2000.
- CAVAGLIER, M.C.S.; MESSEDER, J. C. **Plantas Mediciniais no Ensino de Química e Biologia: Propostas Interdisciplinares na Educação de Jovens e Adultos**. *Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências* Vol. 14, N.1, 2014.

GOMES TB, BANDEIRA FPSF 2012. **Uso e diversidade de plantas medicinais em uma comunidade quilombola no Raso da Catarina, Bahia.** Acta Bot. Bras. 26(4):796-809.

GOMES, Nilma; MARTINS, Aracy (orgs.). **Afirmando direitos: acesso e permanência de jovens negros na universidade.** Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2004.

JACOBUCCI, Daniela Franco Carvalho. **Contribuições dos espaços não formais de educação para a formação da cultura científica.** Em extensão, Uberlândia, v.7, 2008.

LEITE, Ilka Boaventura. **Quilombos e quilombolas: cidadania ou folclorização?** Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, n. 10, p.123-150, maio 1999.

MARINHO, Thais Alves. **Territorialidade e cultura entre os Kalunga: para a além do culturalismo.** Caderno CRH, Salvador, V.30, n.80, p.353-370, Maio/Ago. 2017.

MARTINS E. R.; CASTRO, D. M.; CASTELLANI, D. C. DIAS, J. E. **Plantas Mediciniais.** Ed.UFV, 2000.

MARTINS, Renata Corrêa. **A Família Arecaceae (Palma) no Estado de Goiás. Florística e Etnobotânico.** Tese de doutorado. Brasília 2012.

MONTELES, R.; PINHEIRO, B.U.C. **Plantas medicinais em um quilombo maranhense: uma perspectiva etnobotânico.** Revista de Biologia e Ciência da Terra. v.7, n.2, p. 17-37.2007.

MUNANGA, K. **Povo negro: origem e histórico do quilombo na África.** Revista USP, São Paulo, v. 28, p. 56-62, dez./fev. 1995/1996.

OLIVEIRA, Rosy de. **O barulho da terra: nem Kalunga nem camponeses.** Editora Progressiva, Curitiba, 2010.

OLIVEIRA, Lucas Lopes de. **O uso de plantas medicinais na comunidade quilombola de paratibe: um relato de experiência na e.m.e.f. Antônia do socorro silva machado, João pessoa** - pb Revista Humanidades e Inovação v.4, n. 3 – 2017.

PIRES, M. J. P. **Aspectos históricos dos recursos genéticos de plantas medicinais.** Rodriguésia, 36(59): 61-66. 1984

REIS, J. J.; GOMES, F. dos S. (Org.). **Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

RIBEIRO, M., ALBIERO, A. L. M., MILANEZE-GUTIERRE, M. A. **Taraxacum officinale Weber (dente-de-leão): uma revisão das propriedades e potencialidades medicinais.** Maringá, Apadec, 2004.

SILVA, F.S., MACEDO, R.L.G., Venturim, N., Morais, V.M., & Gomes, J.E. (2005). **Levantamento etnobotânico das plantas medicinais da zona rural do Município de Piumhi** - Minas Gerais. Revista Científica Eletrônica de Engenharia Florestal, 3(6), p.1-4.

TOMAZZONI, M. I.; NEGRELLE, R. R. B. CENTA, M. L. Fototerapia Popular: **A Busca Instrumental Enquanto Prática Terapêutica**. Texto Contexto Enferm, V. 15, n. 1, 2006.

WERTHEIN, J. (org.) **Educação de Adultos na América Latina**. Campinas/SP: Papyrus, 1985.